

ANNO I

Maceló-Domingo, 22 Maio de 1892

NUM. 7

# A TROÇA

Orgão critico, litterario e noticioso

PROPRIETARIO—PEDRO CARLOS

## EXPELENTE

### ASSIGNATURAS

Na capital por mês 500 reis.  
Fora da capital trimensal 25000

A Troça, se publicará uma vez por semana



Escriptorio da Redacção: — Rua da Lama n. 22.



Número avulso do dia 200 reis; atrasado por ajuste.

## A TROÇA

### Em nosso posto

Não nos demovem de continuarmos em nosso lirocínio jornalistico o odio e a vingança de meia duzia de estúpidos, verdadeiros quadrados sociaes, que não sabem differenciar a imprensa critica e livre da impreusa puramente litteraria ou politica.

Quando surgimos na vasta arena da imprensa, dissemos em nosso programma — que tínhamos no riso—a moralidade; na dignidade—a honra particular; nos nossos conceitos—a verdade da imprensa que cauteriza sem dôr nem doestos.

Isto dissemos e temos mui escrupulosamente cumprido.

Entretanto, por causa da Variedade que sob a epigraphe de *Notas tachigraphicas em umas partidas pelo carnaval*, publiquemos em o nosso numero passado, e que a sua autora, observando as disposições do nosso programma, revistiu-a da critica sensata que illustra e não da maleficencia que detesta, apresentaram-se em campo uns poucos de valentes, que se julgam protagonistas do historico da variedade em questão.

Ora, si alli não ha offensa à moral publica, e sim uma muito respeitabilissima allusão á algumas pessoas que tomaram parte em referidos divertimentos;

Si sereno — é a lagrima da noite,

e Alice, Ame e Ade, não são nomes proprios de criatura de saia nenhuma, como é que se quer tomar um desforço contra o proprietario d'este jornal, que elias não é seguramente para morrer de cardias?

Não sabem estes que assim procedem que somos experimentados nas lutas da impreusa livre e dependente?

Não sabem que não é com ameaças ou promessas indignas que a imprensa cessa de publicar isto ou aquillo deste ou d'aquele? Para que pois não se chegam a nós com geito?

Não sabem que

Com geito se leva o mundo.  
De tudo o geito é capaz?  
Que o caso é ajantar-se o geito.  
Como muita gente faz?

Pois bem; de uma cosa resta agora as pessoas que se acham offendidas com dito escripto ficarem conscientes, e é:

Desde que annuimos á diversos pedidos que nos foram feitos por pessoas que muiro nos merecem, para não continuarmos a publicar a referida variedade, o que fazemos por sermos condescendentes, esperamos também que os presunidos offendidos não façam o menor desacato á nós, cá da Troça, nem a pessoa alguma que por ventura seja indigitada autora do dito escripto; porque si o fizerem, passarão pelo desgosto de verem, nunrmos mais claramente a dita narração, de muito embora no que dêr.

### CARTAS

O nosso amigo João Antunes, sobre a questão da Variedade da Troça, enviou ao seu proprietario a seguinte carta:

« Cidadão Pedro Carlos, proprietario da Troça.—Saude e fraternidade.—Contando-me que alguém propõe ter sido eu autor de uma Variedade publicada em seu jornal

n.º 6 do mês corrente mez, e como na quem acredite convinha bestio pedir-vos que me respondas as perguntas que fizeste para ser publicado em dito Troça escripto, de qualquer maneira que prevem ser letitra minha, digo, de meu proprio punho ou por mim assignado.

Espero, pois, sua resposta para completo reconhecimento do quanto acusa, e permita-me que use d'ella, como bem me approuver.

Desculpa-me se vou interromper-vos em vosso trabalho diário, para assim se faz preciso, visto que alguém não-me considere como author de tal Variedade. 17-5-92.

Do amigo e obrigado

João da Silva Antunes.

O proprietario da Troça dignou-se responder ao mesmo Sr. João Antunes como abaixo se vê:

Ilustre Sr. João da Silva Antunes.—Saude e fraternidade.—Satisfazendo ao vosso pedido tenho a responder vos que muito estranhei a pergunta que acima me fazeis, uma vez que sois simplesmente assinante do jornal de minha propriedade.

Si alguém se acha offendido com o historico da dita variedade, faça prevalecer seus direitos pelos meios legaes, inquirindo-me acerca, porque como bem se comprehende o proprietario da Troça, que sou eu, não está disposto a declarar quem seja—redactor ou collaboradores do dito periodico.

Damais acresce que alli não ha offensa á moral publica, como provarei em juizo se a isso for obrigado, nem ha violação da vida privada.

Sem assumpto para mais, aceitei um aperto de mão

Do criado e obrigado,

Pedro Carlos.

(17-5-92).

P. S. Podeis fazer desta minha resposta o uso que vos convier.

O mesmo.

« Illmo. Sor. Pedro Carlos.— Tendo chegado ao meu conhecimento que o Sr. tem sido diariamente ameaçado em sua vida publica — de offensa physica, por ter inserido em seu jornal a Variedade que lhe enviei para ser publicada, sob o título de *Notas tachygraphicas*, etc., peço-lhe o obsequio de cessar dita publicação e também de remetter-me, intactos, os autographos para, sob minha exclusiva responsabilidade, publicá-los no jornal que bem me convier.

Sou filha familia, e si meu pae ausente como está soubesse ser eu a autora da dita variedade muito se encomodaria comigo, porque iria me prejudicar, aos meus estudios e à minha pretenção, como bem sabe o Sor. e só escrevi dita variedade baseada nas regras da moral e civilidade.

Aproveito a oportunidade para agradecer lhe o ter o Sr. não declarado á pessoa alguma quem foi a autora de dita variedade.

Remetta-me, portanto, os autographos, e accorde a gratidão da Sua criada e constante leitora,

\*\*\*.

Maceió, 20 de Maio de 1892.

Eis a resposta que mandou o proprietario deste periodico :

Illm.<sup>o</sup> Exm.<sup>o</sup> Sr.<sup>o</sup> D. \*\*\*.— Meus respeitos á V. Ex.<sup>o</sup>— Muito agradeço a resolução tomada por V. Ex.<sup>o</sup> afim de salvaguardar-me das garras de certos animaes de dois pés, que, infelizmente, andam soltos nas ruas desta cidade rosando contra mim e amigos meus.

Quanto, porém, ao pedido que me faz da devolução dos autographos, muito sinto dizer-lhe que não posso satisfazê-lo, pois é praxe da imprensa — não restituirem-se á pessoa alguma — autographos não publicados.

Portanto, accorde V. Ex.<sup>o</sup> os meus agradecimentos, desculpando-me esta falta involuntaria.

Maceió, 20 de Maio—92.

Do criado e respeitador.

Pedro Carlos.

—:

Ao publico

Não posso deixar passar sem um solemne desmentido o boato espalhado por alguns interessados, sobre a variedade encetada no numero passado deste periodico, sob

epigrapho — *Notas tachygraphicas*.

Não recebi importância alguma para sustar a publicação do referido escripto, nem foram ameaças, pois não as temo, que me levaram a assim proceder.

Pedidos de amigos a quem muito considero obrigaram-me a pôr termo ás referidas narrações, que, aliás, não ferião a hora e a dignidade de quem quer que fosse.

Fazendo a presente declaração só tenho em vista scientificar ao publico a inexactidão de semelhantes boatos, espalhados por individuos vulgares que costumam medir os outros pela sua bitola.

Maceio, 20 de Maio de 1892.

Pedro Carlos.

### No corredor

(INTIMAS)

Era, como no fundo de uma gruta,  
Como num bosque, como num desvio,  
Como detrás da pedra de algum rio,  
Como num canto azul do céo... escuta,

Aquele corredor, onde a permuta  
Dá-se de um beijo noutro : um calafrio  
De indizível prazer tomou nos, vio-o  
Em teu rosto, em tua alma resoluta.

Vinhama todos apôs, e ninguém veio,  
E ninguém vio, e como num deserto.  
Enlaçava o teu corpo meio a meio.

A aquarella da luz cobriu de certo  
Esse instâneo idílio ; e também creio,  
Que houve um deus, nosso amigo, alli por certo...

Luis Delfino.

### POR DENTRO E... POR FORA

Na aula de arithmetica :

O professor :

— Vou dar-lhes um exemplo, imaginem que estão aqui 24 alunos.

Um alumno :

— Perdão, Sr. professor. Eu conto vinte e cinco.

O professor, furioso, leva pela orelha o alumno insolente até a porta.

O alumno, sabendo,

— Agora pôde contar vinte e quatro.

—:

Bonito !

Quarta feira 18 do corrente o guarda da Intendencia ultimamente nomeado — prendeu a sua ordem com auxilio de uma praça de polícia a um prelo, sem se saber o motivo que deu lugar a prisão.

Ao chegar a cadeia o preso acompanhado do delegado guarda, este

deu ordem verbal ao polícia — mete o facão n'este safado — e teria sido a vítima do sabre policial o pobre preto que seguiu o caminho da cadeia com toda caluna se não fosse a intervenção do cidadão alferes João Guimarães que não consentiu que a praça executasse as ordens do guarda mandão.

Constou-nos que a prisão não foi efectuada por infrações municipaes e como podia este guarda prender qualquer pessoa á sua ordem e mandar tocar a facão sem ser isto à ordem da autoridade competente ?

Bravos ? Um guarda fiscal em exercicio de autoridade, — prendendo e espancando !

O caso exige uma providencia, do contrario este guarda engole a população.

As Dr. Chefe e ao Intendente comparecem chamar o delegado ás contas.

—:

Em um botequim :

O freguez ao criado :

— Rapaz ! esta cerveja não me serve està toldada.

O Figueira :

— Pode beber sem susto, meu senhor, a cerveja está boa. O copo e' que està sujo, por isso engana.

—:

No tribunal. O juiz, interrogando o re'o :

— O seu estado ?

O re'o . — Mão Sr. Juiz. Todas noite tive umas dores de cabeça horriveis.

—:

Isso de amor é toleima,

Mais ou menos perigosa :

Quem por ser amado teme

Teu loucura furiosa...

—:

Justa reclamação

Pedem-nos muitos fieis cathólicos que façamos um appello à Irmansdade de N. S. do Livramento, n-sentido de continuar a ser como d'ant's era, celebrando o santo officio da missa, pela madrugada dos dias de Domingo, porque pessoas que concorrem com suas esportulas para o dito fim, veem-se no entanto privadas de ouvir as missas por começarem estas a ser celebradas quasi que ás 6 1/2 horas do dia, quando não podem comparecer trazendo roupa um pouco usada.

Creamos que seremos atendidos

no justo appello que ora fazemos á meza regedora da Irmandade do N. S. do Livramento.

—  
Morta

Como te amei, não digo; é um impossível... O espaço e o tempo em ancas devorei na dor, na felicidade, em phantasias... Dize tu, morta, como eu te amei! Agora fale a cruz da sepultura, fale o estremecer do teu sudário... Como eu te amei... Perdão, oras tão santa e forte o meu Calvario!

Frenesi de loucura, ardencia d'alma, prauos, raiva e paixão — tudo que eu sei de ti, de mim, de nossa vida inteira não te podem dizer como eu te amei! Agora, sim; agora o comprehendo; morta, que o coração triste me ateias e o pranto, o pranto que esfria as faces vem aquecer-me as veias!

Seu de mim mesmo algoz e condemnado vivo sonhando a vida onde deixei! Tudo me doe, tortura e me inquieta, eu sei hoje, meu Deus, como eu te amei! Credo que te amei pouco e muito e muito a memoria me accusa e a dor me rala; tenho remorsos desse amor tamanho até a inudez me falla.

Cego, de olhos abertos, desvalrado, dores sem fim, saudades que passei e um diluvio de lagrimas sentidas hoje podem contar como eu te amei! — cuias-me no sangue, no ar respiro-te, nos braços — sombra van, sinto-o vazio: meu corpo a vacilar ardendo em chamas e eu? Eu tenho frio!

Si fecho os olhos para não ver-te — vejo: si um momento te sequero, eu fico afflicto; imploro a Deus e as lagrimas não param; procuro ensurtecer — ouço teu grito! Vem do sepulchro, vem, rasga-me o seio, Transvaza o coração que eu te entreguei, e uma a uma as gotas derradeiras dirão como eu te amei!

José Bonifacio.

NOS DISSEARAM

... que nos acatelassemos de passar no aterro da casa dos mortos.  
... que si facilitassemos, o triunfo seria pôu.  
... que tirada a causa, cessa o efeito.  
... que em morrendo os filhos acabam-se os compadres.  
... que ninguem propale mal de nós, simão... simão.  
... que se julga alguém que temos medo de ser chamados à responsabilidade, engana-se completamente.  
... que nós sabemos o que é responsabilidade de imprensa.  
... que não somos tão burros como os que assim pensam.  
... que quem tomou a carapuça que a bote na cabça.  
... que estamos dispostos com o que der e vier.  
... que um homem é um ho-

mem e um gato é um bicho.  
... que quem me avisa meu amigo é.

... que com delicadeza arrumam tudo connosco, porém com a força bruta, só sahem perdendo.

... que se quiserem ver a verdade — nada custa é sómente experimentar.

... que presumção e orgulho benta cada um loma a porção que quer.

... que a moça que possui três objectos pode namorar com três rapazes.

... que o nosso amigo Manoel Jacintho vai ser reintegrado no lugar de servente da alfandega da capital.

... que por causa das notis *ta-chygraphicas* tem havido moscas por cordas e mosquitos pelo aterro do cemiterio.

... que o *K. Samba da Troca* protesta contra a authoria que lhe dão da cuja dita.

... que o mesmo declara seu nome ser outro.

... que o segredo não sai da redacção ainda que o Diabo rese o credo à cavessas.

... que certos cadelos zangaram-se com a *Troca*.

... que os mesmos não tiveram razão.

... que neste numero vai o resto.

... que quem tem ladrado de vidro não alira pedidas nos dos vizinhos.

... que depois desta tem outra.

... que a *Troca* está no propósito firme de moralizar esta bona terra.

... que quem não quer bolha com o jacaré não bote nos ovos delle.

... que o *Ouro Duro* vai pedir à *Troca* em casamento.

... que o Santa Roza não consente pois é antigo namorado.

... que brevemente se falle sobre certos vendes novos da sua Nova.

... que os soldados da polícia que acham-se no quartel de Jaraguá estão morrendo de contente, porque vão receber fardamento novo e facão do cabo amarelo.

—  
Versos d'alma

Choras?... não choras, não. Não val o pranto Que por mim derramas  
Eu sou infeliz. Ali guarda o tormento E o dia quem não amas.

Julgou poder amar, julgou poder gozar, Nas a sorte não quiz.

Sou um este sem vida, negro sem chegar, So' morre um infeliz.

Já vi do firmamento as mais brillantes cores Que fugiram, Da vida do jardim as mais mimosas flores Me mentiram.

Já risos de ventura em meus labios Desbrotaram, Logo apôs de negro sangue os resabios Me calaram.

Viver nas trevas, quando tudo é luz Val mais a morte; Ter n'alma a tristeza, o riso a fluxo Não val a sorte.

A sorte é basegau que sempre opprime Ao rico ou desgraçado; Sorrido aponta o mal, aponta o crime, Ao desherdado

Abraco a negra morte, qual o naua A viração; Não posso já siver ao som da flauta A' voz do coração.

So' me resta um adeus bem commovente Aqui deixar-te, Nosso amor sempre terno e innocente Então lembrar-te

Adeus! Não chores, não. Não val o pranto Que derramas por mim, Eu não posso te amar minh'alma sem encanto Tem um gemido sem fim.

8 de Maio de 92.

Sebastião Lyra.

—  
BOCEJOS

O CAMBIO

O que mais me sobressalta D'entre as questões actuaes, E' o cambio inconstante, a falta De firmeza que elle traz.

Pois vive n'um sobe e desce, Revira-voltas em si, Que mais ao certo parece Uma comedia a cuiar.

Ou seja um mal que se sente, Ou que prometainda vir, O que é verdade patente E' que elle não quer subir.

Na sua estabilidade Não se pode confiar, E eu não sei quando elle bende Lá um dia se firmar.

Descentes nos faz, enquanto Crendo em noticia feliz, Que o cambio desceu á tanto O telegramma nos diz.

Do nosso espírito sage Toda a esperança longan Pois se a bicho-sobe hoje, Esperem, desce amanhã.

Mercurio.

## LAPADAS

Com as meninas devotas  
Que só querem namorar  
O K. Labrote, disposto  
Quer hoje se despistar.

Se não cuidam n'outro officio  
As senhoras namoradas,  
Ja se sabe, d'outra vez  
Levarão fortes lapadas.

Olhem...conheço-as todas  
Que na matriz vão ceirar ;  
Se hoje não levão reio  
E' porque quero avisar.

Agora é com seu São Paio :  
Deixe de descaração,  
Olhe que não é quartel  
A casa de devoção.

Por hoje só leva quatro  
Das boas, bem entendido ;  
E' um favor que lhe faço,  
Fique logo prevenido.

Aquillo para epitaphio  
Só faltou o - aqui jaz,  
« A terra te seja leve »  
E por baixo o - dorme em paz.

Mas...mortos d'uma só vez  
Do quadro d'honra na tela  
Os nossos bons patriotas,  
Só pela febre amarela !

Oh, seus pintores da Patria  
Deixem dessas coçoadas  
Que bem vos podem valer  
Vinte e quatro sipoadas.

K. Labrote.

### Conto

(A' CECY . . . )

Oh ! como és bella, quando á tardinha estás na janella de tua modesta casinha, a fazer o teu alvo crochet, sinto que o meu coração sobressalta-se, quando aquellas alvas linhas racam de leve nos teus mimosos dedinhos ; quando lança sobre mim aquelle olhar fascinador, donde posso traduzir n'elle á palavra—Amor ! ! ...

Para eu ser julgado o mais feliz do Universo, bastava que tu, minha loura Cetur, dissesse-me :—  
—Eu amo te loucamente ! . . .

Eu, com as commoções que me produziram essas palavras, de certo respondia-lhe o seguinte ;—

« Vem minha Cecy, és tu o meu anjo salvador ! Vem aos meus braços, que eu serei o teu ditoso :

Uma tristeza, cruel, opprime o

meu peito, uma melancolia terrível, penetra-me no fundo do coração ! ...

Penso ! Em que ?

N'uma visão seductora, que vejo todos os dias, dormindo ou v'lando, a sua sombra me persegue, sempre a vejo junto ao meu leito como um phasma pe seguir.

Uns fluidos el-tricitantes sôam-me no peito, como uma palavra, que dá força e grandeza na vida do poeta—Amor ! !

Ella ! ?... Ella, talvez não saiba o que eu sofro, porque o meu amor é uma suven escura para ella—Amo-a em segredo ! . . .

Porém, se uma palavra minha chegasse a fazer explosão no teu coração, talvez tu, acordasse desse pezadilo horrivel e dissesse-me :—  
Eu amo-te ! Vem a meus braços, quo serei eu, a tua Cecy ! . . .

José Carolino.

## VARIÉDADE

### Carta de um sapateiro a sua « ella »

Meu coração de solha e vira.—E' dominado pela borracha da meu amor que hoje tomo a resolução de escrever-te.

Quando acelho os pontos de meus presentimentos e tiro a conclusão da séda de teus cabellos, julgo ver no marroquim preto de teus olhos o contra forte de minhas esperanças.

E's a forma que se justou aos meus sonhos de felicidade e sobre quem assento a palmia de meu futuro ; e quando julgo ouvir a ranger deira de teus sorrisos, então donzella minha, a sovella ou a taxa da súdade me dilacera a alma !

Burniste em meu coração a obra perfeita de teus affectos, pregaste em minha imaginação o lago de tua belleza... ai ! que nunca o salto de teu desdém equivalla ao martello com que martyries o cheio de minha consciencia !

Foi sobre a tenda de meu peito que jurei amar te, e, confiado no tira-pé de minha persistencia, cheguei até o pincel dos meus desejos, com o qual attingi o tinteiro de que me servi para distinguir a medida de minha declaração.

E para isso não olhei a arma das dificuldades, por estar quasi con victo de que não seria repellido pela troquez de tua indifferença.

Agora, minha bella, vejo em ti a

grossa, a liza com que gastos as minhas conjecturas, o sabugo com que aperfeiçoa o fio de minha existencia, o vidro em sim com que fazes desapparecer os desfeitos de m u máo humor.

Estou ligado a ti pelo grude do mais feliz affecto; e que não venha, portanto, a cacerenga do ciúme trazer á nossa vida a negeura da grava ou o azedoine do limão, quebrando assim as presidias de nossa tranquilidade.

Fico com um fogareiro acceso no coração e recebe uma prova de amor de teu.

Pedro Octávio da Silva Grava.

## COLUMNNA LIVRE

O abaixo assignado declara, a quem interessar possa, para evitar duvidas presentes e futuras, que nada tem com a redação da Troça e nem tão pouco com a publicação de uma Variedade inserida no mesmo jornal de sexta-feira 13 de Maio corrente.

Faz a presente declaração para pessoa alguma não ter suspeitando que o mesmo abaixo assinado envolve-se com a vida privada das familias.

Maceió, 14 de Maio de 1892.

Jaão da Silva Antunes.

—:—

### Aviso

A combinação entre amigos de que é depositario Theodoro Conrado da Silva, teve extração no dia 20 do corrente mes, a pessoa que tiver as cautellas com os n.º premios que irão dirigir-se ao mesmo que será entregue, assim como as cautellas que não pagaram ate' esta data perderão o direito que tinham ao premio.

Maceió, 20 de Maio de 1892.

Theodoro Conrado da Silva.

—:—

O abaixo assignado para evitar duvidas, declara não dever actualmente à pessoa alguma e muito agradece a aquelles que o toem honrado dispensando-lhe o pequeno credito de que dispõe n'esta Capital.

Maceió 18 de Maio de 1892.

Agripito Biserra da Silva Dantie.